



ORQUESTRA DE VIOLÕES DO AMAZONAS: UMA IDEIA SEMEADA NO CORAÇÃO DE MANAUS

AMAZON GUITARS ORCHESTRA: AN IDEA SEEDED IN THE HEART OF MANAUS

¹Gabrielle Farias Lopes; ²Renato Brandão

¹Universidade Federal do Amazonas – gabifarias96@gmail.com

²Universidade Federal do Amazonas – renatobrandao@ufam.edu.br

Resumo: A presente pesquisa teve como principal objetivo reunir dados por meio da História Oral de pessoas que se envolveram direta ou indiretamente no registro de início, como também de relatos autobiográficos instrumentais para a construção e desenvolvimento da Orquestra de Violões do Amazonas (OVAM) em um recorte inicial do ano 2000, no intuito de poder assim criar um texto escrito de uma das orquestras mais bem conceituadas do estado, e ainda, fazê-lo útil à músicos, acadêmicos e pesquisadores em geral. Vê-se o momento da criação da orquestra, forma pelo qual foi instituída, seus membros do início e relações culturais pertinentes ao desenvolvimento do violão para o estado do Amazonas. Por fim, vale a homenagem aos músicos que se dispuseram a tentar e sonhar a criação de algo mais abrangente que os simples estudos do violão nas décadas que antecedem a criação da OVAM.

Palavras-chave: OVAM; Música; Amazonas; Orquestra; Violões

Abstract: The present research has as main objective to gather data through the Oral History of people who were directly or indirectly involved in the beginning record, as well as instrumental autobiographical reports for the construction and development of the Amazonas Guitars Orchestra (OVAM) in a clipping beginning of the year 2000, in order to be able to create a written text from one of the most well-known orchestras in the state, and also make it useful to musicians, academics and researchers in general. We can see the moment of the creation of the orchestra, the way in which it was established, its members at the beginning and cultural relations relevant to the development of the guitar for the state of Amazonas. Finally, it is worth paying tribute to the musicians who were willing to try and dream of creating something more comprehensive than the simple studies of the guitar in the decades before the creation of OVAM.

Key-words: OVAM; Music; Amazonas; Orchestra; Guitars



1. INTRODUÇÃO

O violão está há muito enraizado no cotidiano das pessoas por ser um instrumento prático, portátil e independente. É capaz de nos favorecer em qualquer aspecto de acordo com nossas demandas, sendo bem empregado desde os simples acompanhamentos, até as mais diversificadas peças clássicas, adaptadas ou não para esse instrumento. Significa que exige técnica para quem o estuda e ao mesmo tempo não complica a vida de quem o toma apenas como um *hobbie*. Esse fato contribuiu para sua popularização e até banalização pode-se assim dizer, pois muitos ignoram sua posição em um cenário mais disciplinado. Contudo, ele está presente em todos os ambientes: casas, empresas, escolas, universidades, praças, teatros e onde houver espaço para um encontro musical.

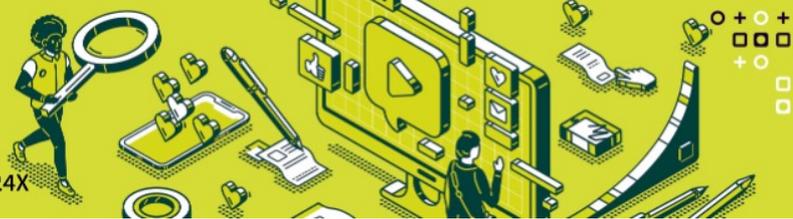
Para aqueles que se dedicam ao estudo profundo do violão, surgem crescentes dúvidas sobre sua origem. O violão, segundo Alves (2015) não tem uma origem certa. Postula-se muito mais sobre a gênese etimológica do termo e por consequência, data-se e localiza-se melhor onde possa ter ocorrido primeiro. Sendo um cordofone, pertence a subdivisão de instrumentos dedilhados e atualmente, com as seis cordas, preferencialmente, é temperado e chamado de violão, no Brasil. Diferente das línguas espanhola e inglesa que ainda mantém juntas o verbete “*guitarra*” ou “*guitar*”, respectivamente.

O violão, desde que surge, vem acumulando posições nos diferentes movimentos artísticos que a humanidade desenvolveu. Das séries primitivas na Ásia, norte da África e Europa, nomes de compositores surgiram e a versatilidade do instrumento sempre o favorecia para que estivesse presente nas manifestações culturais de cada povo. Dos menestréis medievais aos grandes violonistas da atualidade, o violão assume, talvez, o maior espaço de entrada para conjuntos orquestrais e performance solo, sejam estas em salas conceituadas ou apresentações livres nas calçadas de grandes cidades. (Alves, 2015)

Este artigo se mostra ocupado em revelar a historicidade da primeira orquestra de violões do estado do Amazonas. Um projeto idealizado pelo professor Adelson Santos que teve no violão grande parte de sua vida pautada nas possibilidades de produção por conta deste instrumento. Além disso, entre nós autores, participamos de forma autobiográfica pelo envolvimento com o grupo nos anos de sua fundação. Dessa forma, nos colocamos dispostos a receber críticas sobre tal posição, no entanto, julgamos importante estabelecer como instrumento válido da investigação essas considerações de quem viveu de perto a rotina do objeto aqui verificado.

Estruturamos o texto a partir de levantes teóricos, depoimentos e revisão de conteúdo impresso e digital disponível nos arquivos pessoais e *internet*. Dessa maneira, objetivamos consolidar, ainda que de modo preliminar, a história da OVAM que atualmente ultrapassa os 20 anos de atuação no cenário cultural da cidade de Manaus.

Eu fui músico desta orquestra de 2000 à 2005, vivi os rigores e imposições da vida de um músico profissional. Juntamente comigo Xxxxxx Xxxxxxx esteve próxima da OVAM, em épocas diferentes, como arquivista do Teatro Amazonas. Estudos que trazem consigo autobiografias, como sustenta Bueno (2002), assume um método de muita exposição. Por outro lado, conforme o autor, colabora com verdades cruciais dos momentos presentes na memória de quem



desenvolve a pesquisa. Dessa maneira, fizemos essa escolha por abordar o assunto de tamanho envolvimento.

É possível verificar ilustrações com imagens do acervo pessoal do autor. As relações exercidas entre a pesquisa e os autores passa por mera historiografia factual. Como já dissemos, estamos sujeitos a críticas, porém o fazer do registro é oportuno e válido, justifica todo o esforço exercido. Por vezes, cada um de nós autores, percebemos como estamos ligados a cada ponto dessa trajetória.

No campo da historiografia, a tendência que se convencionou designar de História Nova, surgida sob a influência da escola dos Annales – a revista que é fundada para encorajar as inovações a partir dos anos 1930 –, constitui um dos exemplos mais eloquentes da oposição aos métodos tradicionais de investigação e à concepção corrente da história, ou seja, a história fatual e dos grandes feitos. (BUENO, 2002, p.13)

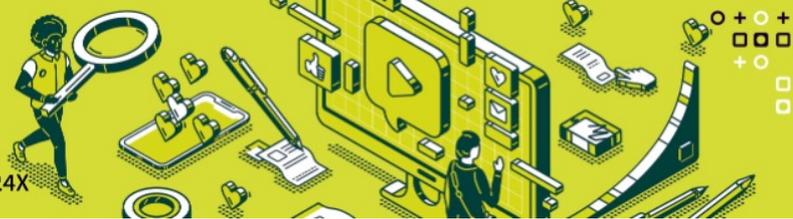
Por outro lado, as abordagens presenciais por meio de entrevistas com o Maestro Adelson, viabilizam não somente sua própria historiografia já contida nos inúmeros livros por si publicados, mas também, reforça como a metodologia da História Oral qualifica nosso investimento. Para Alberti (2012) há uma recorrência que adjetiva os dados coletados para o método histórico oralizado, pois temos conosco a nossa versão e ao mesmo tempo, nossas narrativas. Alguns pontos são imediatamente comprovados e outros, fruto da memória ativa, ficam como recursos de inteira responsabilidade de nossa dupla. Assim, teremos pelo viés de um roteiro agrícola a ideia de Adelson Santos sendo vista como semeadura em um solo único e inesgotável de possibilidades.

2. É PRECISO SABER ONDE E COMO PLANTAR AS IDEIAS

Por mais que o termo orquestra esteja relacionado na mentalidade coletiva para efeito ao clássico musical, veremos que qualquer formação de conjunto instrumental pode e deve ser considerada como uma orquestra. Se estamos na igreja, na escola, nas reuniões de família, entre outras, se há um conjunto, é sinal de integração musical. Isso pode acontecer de face intuitiva, nos casos de grupos mais livres de música popular, ou, de modo mais disciplinado, quando os músicos seguem a escrita de suas partes em partituras arranjadas por um maestro ou arranjador.

De fato, não são comuns as formações orquestrais compostas por apenas um instrumento, pois se tratando de grupos musicais conceituados como orquestras filarmônicas, sinfônicas e *big bands*, a história mostra uma montagem muito específica e padronizada, constituída de até quatro famílias inteiras de instrumentos, as cordas, madeiras, metais e percussão. (Bennett, 1985)

Orquestra é uma antiga palavra Grega (Orkestra) que, por incrível que pareça, significa exatamente “lugar para dançar”. Na Grécia durante o século V a.C., os espetáculos eram encenados em teatros ao ar livre, chamados anfiteatros. Orquestra era o nome dado ao espaço que se situava em frente à área principal de representação e que se destinava às evoluções do coro, que cantava e também dançava. Era ali que ficavam igualmente os instrumentistas. (BENNETT, 1985, p 09)



Passou-se muito tempo até que as primeiras óperas fossem executadas, e a orquestra passou a designar o próprio grupo de músicos que ocupavam o espaço entre a audiência e o palco, chegando finalmente a designar o conjunto de instrumentos que eles tocavam. Nestes termos, a OVAM iniciou com base no contexto de grupo disciplinado por arranjos escritos para 4 vozes, violão 1, 2, 3 e violão 4. Adelson já mantinha essa prática de dividir os naipes por números em outros grupos antes comandados por ele. Basicamente seriam, violão 1 responsável pela melodia principal, violão 2 pelos contrapontos da melodia principal, violão 3 pela harmonia e violão 4 pelos baixos. Para ser mais específico, a OVAM contava com 4 integrantes para cada naipe. Junto com 2 percussionistas, uma inspetora e o maestro, o corpo somava na sua fundação, 20 integrantes. A estrutura física dispunha do maestro à frente de todos, violão 1 alinhados à lateral esquerda do regente, tendo o violão 3 em paralelo atrás, espelhavam esse formato os violões 2 e 4 ao lado direito do maestro.

3. O AGRICULTOR: MEMÓRIAS DO MAESTRO ADELSON SANTOS

Na década de 1990, o então Professor Adelson Santos, Universidade Federal do Amazonas, ministrava aulas de violão no Centro de Artes da Universidade Federal do Amazonas (CAUA). Dada sua vasta experiência com o instrumento e sua formação no Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro, iniciou um projeto pedagógico que estruturou o Grupo de Violões Quinta Diminuta. “O grupo era formado por oito violonistas divididos em quatro naipes, cada naipe com dois violões com funções distintas para tocar a melodia, os contrapontos, a harmonia e o baixo.” (SANTOS, 2012, p. 236) no caso, todos os violonistas participantes, alunos do CAUA. A partir daí professor regente começou a reger o primeiro grupo de música composto só por violonistas do Centro de Artes da UFAM.

A princípio, o grupo tocava somente nos eventos promovidos pelo centro de Artes. Depois, começaram a surgir convites para participar de eventos em outros espaços da Universidade. Até que passamos a tocar fora da Universidade com muito boa aceitação pelo público que nos assistia em locais como feiras culturais, praças, quadras de esporte e colégios públicos, entre tantos outros. O som do Quinta diminuta era muito agradável de ouvir. Diria mesmo que era um som que relaxava a mente e confortava a alma. (SANTOS, 2012, p. 236)

Mesmo com o relativo sucesso, o Grupo de Violões Quinta Diminuta não durou muito tempo, após crises internas, além do fato de que todos os músicos que participavam eram alunos e não profissionais, o grupo desapareceu, “Apesar de sua curta existência, deixou cair na terra uma semente que germinaria anos depois.” (SANTOS, 2012, p. 241) Os ensaios aconteciam nas dependências do CAUA e as apresentações eram quase sempre solicitadas para eventos da própria UFAM. Em suas memórias Santos é capaz de oferecer um espectro da arte em Manaus nesse recorte de tempo. Ainda sem *internet* e outros meios mais modernos de informação, manter uma formação numerosa não dependia somente de boa vontade, mas, da medida de uma mentalidade social seria um fator preponderante para absorver tal configuração orquestral. Barreiras como a própria leitura das partituras e deslocamento dos músicos sabotavam certos interesses e claro, tudo se dificultava ainda mais.



4. O TRABALHO DE CUIDAR DE ALGO SEMEADO: RENATO BRANDÃO

Depois de conseguir a atenção de um grande público através do grupo Quinta Diminuta, no ano 1999 o Maestro Adelson Santos se viu sendo convidado para reger uma nova formação de músicos violonistas, dessa vez, um grupo em busca de profissionalização e que pudesse representar o estado como um dos Corpos Artísticos da Secretaria de Cultura (SEC-AM). Estaria ali a oportunidade de montar a OVAM.

No final deste ano, eu ainda cursando Licenciatura Plena em Educação Artística na UFAM, já ouvia o professor ventilando sobre a OVAM. Falava abertamente nas classes que tinha um projeto protocolado na SEC-AM e que tal documentação já passava pelas primeiras reuniões para adesão a ideia. Além de mim, outros colegas também violonistas eram encorajados a participar do certame de concurso público para entrar na orquestra. Dessa feita, o maestro já nos advertia por conhecer seu público que as coisas não seriam como no antigo Quinta Diminuta, ou seja, tudo seria mais sério, profissional, “neguinho” teria que estudar para se manter ativo no cargo.

Antes que nós pudéssemos ler nos jornais e escutar as rádios e TVs, em uma manhã chuvosa Adelson nos informou que o edital estaria disponível na SEC-AM. Nós deveríamos ir ao encontro da senhora Mimoso no setor específico no prédio da Av. 7 de setembro e ler todo o material, lá estariam as diretrizes comuns para o concurso. Encadernado como uma pequena revista, estava disponível o edital, continha além dos itens comuns a este tipo de documento, as orientações básicas para o dia da prova/audição e em anexo, as partituras de 3 arranjos para violão retirados do livro de violão clássico escrito pelo próprio maestro.

Ao ver o edital lembro que cada músico teria um salário de R\$541.80 correspondentes a 20h semanais, dividias em 3 dias de ensaio e 3h de docência no Liceu de Artes Claudio Santoro. Na programação teríamos como concorrentes que apresentar um dos 3 arranjos, “Sons de Carrilhões” (João Pernambuco), “Michelle” (John Lennon e Paul Mccartney) e “Prelúdio em Dó” (J. S. Bach), sendo está última transposta para o tom de Ré. Além destas, teríamos que tocar um trecho à primeira vista e uma peça a nossa escolha. As provas ocorreram no salão de festas do Ideal Club, no fim da Av. Eduardo Ribeiro, Centro de Manaus.

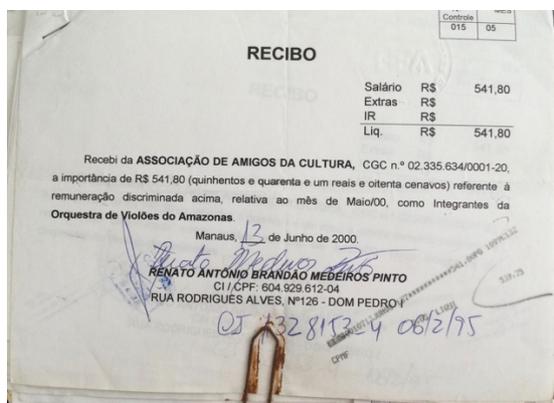
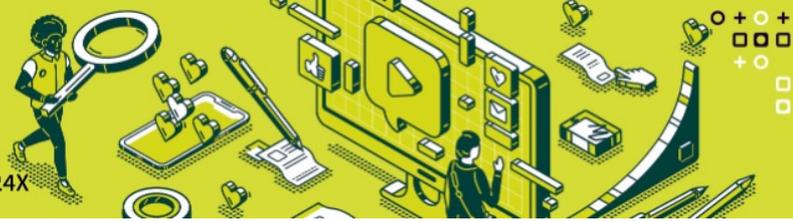


Imagem 01: Recibo do primeiro pagamento com o valor de R\$541,80 retirado em espécie na boca do caixa do antigo Banco do Estado do Amazonas (Acervo pessoal do autor)



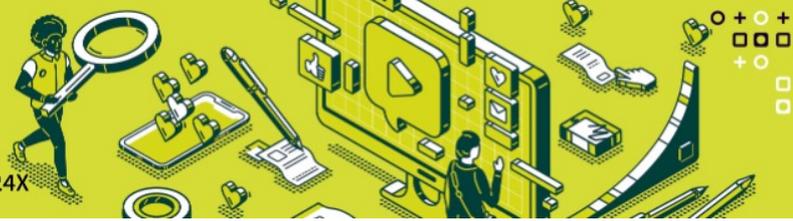
Um salão repleto de violonistas se via no dia da audição. Amigos como Manoel Passos, professores da Escola Escala de Música, entre outros, pleiteavam aquela rica oportunidade de evoluir com o violão. Fui o candidato nº10, fiz a prova depois da violonista Mila Braga Braz e saímos esperançosos aos comentários. Nesta data, pude perceber o quanto o violão era presente no cotidiano das pessoas. Por outro lado, não tínhamos o mesmo poder de acesso à informação que se tem hoje. Líamos partituras por amor a algo, treinávamos o instrumento gratuitamente e sem esperar, a chance nos batia a porta na criação de um corpo artístico dentro do palco maior do estado, o Teatro Amazonas.

Aí foi feito o edital de concurso, mas naquela época os músicos de violão aqui em Manaus ainda não estavam muito bem preparados não, estavam começando. Então fizemos o concurso com o mínimo necessário de conhecimento técnico, de leitura de violão, eu avalei todos eles e depois no começo da montagem de repertório, eu ia lá montava o dedo do camarada, dizia pra ler a partitura é assim, foi do zero mesmo... (SANTOS, 2016)

Passado uns dias, Adelson me encontra nos corredores do antigo Departamento de Artes e diz, “Tá saindo o resultado da seleção da orquestra, vamos lá ver?”. Ele, fazendo um suspense comigo, eu tão jovem e eternamente seu aluno, fomos ao Palácio Rio Negro, pois lá teríamos uma entrevista coletiva com o Secretário Robério Braga e demais maestros de outras respectivas orquestras que seriam fundadas no mesmo momento que a OVAM. O professor, no carro, já me informava que eu havia passado e aproveitaria o momento para deixar bem claro, “Não quero malandragem, tem que ler, estudar, neguinho tá de olho”, eu ainda sem acreditar, sinalizava em positivo com a cabeça, aceitando todos aqueles termos contratuais da personalidade do Adelson. Ao chegarmos no Palácio, uma multidão já inundava um dos salões, rádios e TVs faziam a cobertura e nós, candidatos, teríamos que esperar a abertura dos envelopes com a lista dos aprovados. Robério, emocionado, falou da relevância do momento e quis abrir pessoalmente o envelope que traria em si a lista da Manaus Band, o resultado teria um cunho pessoal a ele, passariam juntos dois músicos para o piano, empatados pela prova, Jonilson Cardoso Reis, vulgo La Bamba, um músico popular, reconhecido na cidade e Jerusa Mustafa, na época com 74 anos, ao qual o Secretário teria um carinho enorme em anunciar. Dito o nome da senhora pianista, esta veio aos prantos, tinha ali, na frente de tantos jornalistas, chegado a um nível de reconhecimento nas camadas mais populares e jovens de Manaus.



Imagem 02: Recorte do Jornal A Crítica com a relação dos aprovados no concurso público da SEC-AM para os novos corpos estáveis (Acervo pessoal do autor)



Na hora da OVAM revelar os novos nomes, fomos eu, Luiz Kid Castilho e Rui Fernandes Jr para perto do Adelson, escutamos nosso nome sair em meio a outros e tudo foi festa. Falei diretamente para um canal de televisão e ao terminar a cerimônia, fomos juntos comemorar no restaurante Coqueiro Verde. Rui não parava de dizer, “Entramos para a história. Meu *cachê* agora subiu...”. Sinceramente pra mim, a ficha demorou a cair.

Água, sol e fertilizantes: a orquestra iniciaria seu caminho.

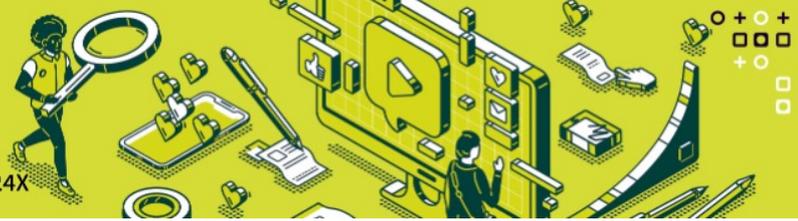


Imagem 03: Manchete do Jornal A crítica, do dia 12 de março de 2000, anunciando as audições para a Orquestra.

A tal semente a qual o Maestro Adelson Santos se referia, era agora uma muda precisando de todos os cuidados para crescer e se tornar forte e bonita. E assim se fez. Em um primeiro momento, realizou-se uma audição para ingressar na OVAM com vaga para dezesseis violonistas e um percussionista. O cenário musical amazonense não contava com muita diversidade até então, porém no momento que a Orquestra surgiu como uma alternativa, surgiu uma expectativa sobre a criação de um público mais apreciador, que valorizasse mais a cultura. Realizados os testes, os violonistas começaram os ensaios, sob um repertório que mesclava composições do próprio Maestro, canções populares, e do cenário erudito, até que entre “síncopas, contratempos, pausas, e ritmos de Boleros, Samba-Canção, Bossa-Nova [...]” Santos (2012), a Orquestra teve sua estreia.



Imagem 04: Recortes de imagens de manchetes reportando a estreia da OVAM. (Acervo pessoal do Maestro Adelson Santos).



“Manaus não abriga apenas públicos que saem de casa para dançar, pagode, forró ou funk. Aos admiradores de uma boa música popular instrumental, a Orquestra de Violões exhibe o talento de seus integrantes [...]” *Jornal A crítica* (2000). Antes de sua grande primeira apresentação no Anfiteatro da Ponta Negra, a Orquestra fez uma pequena apresentação com apenas dois meses de ensaios, e cinco músicas no repertório, no Ideal Clube, com presença do Governador, secretário de cultura, imprensa falada e escrita, ali, a Orquestra estava sendo oficialmente apresentada ao público. Foi também nessa ocasião que o Maestro relata um fato curioso da noite:

Quando acabamos de tocar, o público presente foi ao completo delírio entre muitos aplausos e gritos de bravos e bis. Sinceramente até me espantei com a reação tão inusitada. Quando a gente se preparava para tocar a segunda música, inesperadamente, se formou uma grande confusão. É que as pessoas presentes entraram numa de competir para ver quem pegava mais salgadinhos que estavam arrumados numa mesa bem ao lado da orquestra. Foi nessa hora que descobri que as pessoas que estavam ali não estavam para ver a estreia da orquestra, e sim, somente para comer os salgadinhos do coquetel [...] (SANTOS, 2012, p. 292)



Imagem 05: Recorte de *Jornal A Crítica* com matéria sobre a primeira apresentação da OVAM no Ideal Club. (Acervo pessoal do autor)

Depois, muito mais preparados, a Orquestra de Violões fez, segundo o Maestro, seu primeiro sucesso, “foi um espanto, foi uma coisa tão nova, chegamos a fazer um show lá na Ponta Negra, no dia da cultura, com mais de trinta mil pessoas, foram todos os grupos da secretaria de cultura [...]” Santos, (2016).

No dia dois de novembro de 2000, [...], o evento aconteceu numa linda tarde de verão, com um pôr do sol deslumbrante caindo no horizonte [...] E quando a orquestra terminou de tocar a primeira música, a plateia foi ao delírio. Trinta mil pessoas aplaudindo e gritando bravo, bravo, bis, bis. [...] os milhares de aplausos acompanhados de bis e de bravos chegavam aos meus ouvidos como se fosse uma imensa onda sonora que saía das encostas do anfiteatro, descia pelas arquibancadas, passava pela orquestra e seguia em direção ao Rio Negro para se infiltrar no meio da floresta na outra margem do rio. (SANTOS, 2012 p. 294, 295)





Ainda segundo o Maestro, esta foi uma das apresentações mais memoráveis de sua vida. A orquestra passou a ganhar um especial na agenda cultural da cidade de Manaus, com apresentações em teatros, praças públicas e eventos particulares.



Imagem 06: Matéria de jornal ilustrada com músicos da primeira formação da OVAM. Orquestra de Violões do Amazonas por Naípe.

Tabela 01: Divisão dos naipes com seus respectivos músicos

| Violão 1 | Violão 2 | Violão 3 | Violão 4 |
|------------------|------------------|--------------------|----------------------|
| Rui Fernando Jr. | Luiz Castilho | Isaias Farias | Marcos Moreno |
| Mila Braga Braz | Renato Brandão | Neil Armstrong | Jó Couto das Neves |
| Marco Lopes | Elson Jhonson | Wildes Fernandes | Ivanilsson Rodrigues |
| André Câmara | Arcangelo Brasil | Márcio Lima Aguiar | Davi Nunes |

A organização no palco do grupo de início foi um desafio. Sendo instrumentos de mesmo som, a localização de timbres ficava confusa ao espectador. Uma preocupação constante era como seriam vistos os músicos e o modelo de *rider* mais comum seguia assim:

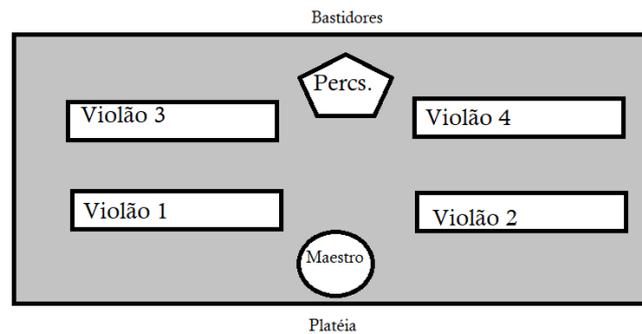


Imagem 07: Rider de palco da OVAM (Edição dos autores)

Na sua gênese a OVAM era um grupo exclusivamente instrumental. Mais tarde, amadurecendo as ideias e abrindo oportunidades, Adelson contratava cantoras para estrear nos palcos. Ainda muito nova, com aproximados 16 anos, Karine Aguiar foi a primeira *cronner* a se apresentar com a formação. Os arranjos eram todos originais, o próprio maestro editava tudo na partitura. Ao contrário dos outros corpos que podiam importar alguns arranjos, para a OVAM tudo era regido pelo perfil do potencial dos músicos, feito sob medida para cada naípe.





Tabela 02: Primeiro repertório da OVAM.

| | Música | Autor |
|-----|--------------------------------------|--------------------------------------|
| 01 | Forma 3 | Adelson Santos |
| 02 | Paisagens | Marco Lopes |
| 03 | Água Doce | Renato Brandão |
| 04 | O trenzinho caipira | H. Villa-Lobos |
| 05 | Samba do Avião | Tom Jobim |
| 06 | The entertainer | Jopli/Waters |
| 07 | Manhã de Carnaval | Luiz Bonfá/Antônio Maria |
| 08 | Tango Norte | Adelson Santos |
| 09 | Fragments do prelúdio N3 (Variações) | H. Villa-Lobos |
| 010 | Pedacinho do Céu | Waldir Azevedo |
| 011 | Lamentos | Pixinguinha |
| 012 | Suíte para Beatles | Lennon/McCartney |
| 013 | Suíte para Bumbás | Tadeu Garcia/David Assayag/Joel Gama |
| 014 | Sons de Carrilhões | João Pernambuco |
| 015 | Bachianas Brasileiras | H. Villa-Lobos |
| 016 | Suíte Nordestina | |

Durante os seis anos que passou a frente da Orquestra, o Maestro Adelson Santos se viu passando por muitas alegrias e muitas dificuldades também, dentre estas a necessidade de manter o nível profissional da Orquestra, fazendo os músicos passarem por testes toda vez que pareciam estar se desligando. “A renovação se dava quando eu percebia que o músico tava relaxando, e era só eu fazer o teste e eu pegava o camarada, e depois eu fazia um outro concurso pra colocar gente nova.” (SANTOS, 2016).

Os ensaios iniciais ocorriam no mesmo Ideal Club onde fora feito o concurso. Os músicos recebiam suas partes e tinham tempo em casa para treinar. Como já diz o maestro, o nível técnico naquele momento não permitia leituras à primeira vista como já faziam os outros músicos da filarmônica e *band*. Tudo seria muito novo, ousado e justo ao que tínhamos como amadurecimento na cidade. Com isso, o único músico mais experiente era Marco Lopes, carioca e ex-integrante de uma orquestra semelhante no Rio de Janeiro, ordenada pelo mestre Turíbio Santos, coincidentemente professor de Adelson nos anos na faculdade de belas artes naquele mesmo estado.

5. ENQUANTO TUDO GERMINAVA

“Você fica no violão 2!”, assim falou Adelson para mim no primeiro dia de ensaio. O Maestro já me conhecia como músico, eu e muitos ali no grupo éramos seus discípulos. Olhei para a partitura e vi uma infinidade de notas, estava escrito um acompanhamento em choro-canção da música “Sons de Carrilhões”, um clássico que viria a ser uma das nossas melhores performances. Adelson deu uns minutos para que todos os outros naipes lessem suas partes e desceu o braço no compasso binário, “Um, dois, um e dois e” começamos a tocar.

Ao ouvir a massa sonora dos 16 violões juntos era inacreditável para alguém que vivia os estudos do instrumento em solidão. Elson Jhonson, um amigo e professor da UFAM, sentava ao meu lado e lembro de olhar para ele e rirmos juntos por conta daquela manifestação positiva que o projeto anunciava.



Enquanto o Maestro se preocupava com as pessoas que comiam durante nossa primeira apresentação, eu, totalmente concentrado tocava e fazia o meu melhor. Junto comigo estavam Márcio Lima Aguiar, um cara louco e bom de guitarra que cruzava comigo nos palcos da cidade, Neil Armstrong, famoso por ser o violonista do Canto da Mata, músico da arena do Caprichoso e outros tantos violonistas que mudavam o semblante para decifrar o que viria após cada nota do arranjo. Tocar em grupo já é um desafio e acrescentar a isso as normas e avaliação constante de seu regente não se firmava como algo simples.

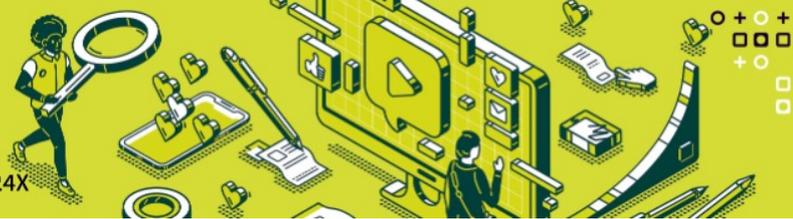
A SEC-AM no início demonstrou um certo cuidado com a imagem da OVAM. Mandaram uma costureira para tirar medidas de todos os músicos no horário de um dos ensaios no Ideal Club, tiramos foto para um mural e só. Robério, na época, disse que a OVAM deveria estar preparada para levar cultura ao interior do estado, eu e meus colegas nos olhávamos acreditando em tudo. Um dia antes ninguém sabia que eu existia, daí tudo muda, mereço roupas adequadas e fotografia particular. Sonhamos juntos aquilo com o Adelson.

Em um momento de reflexão Adelson me disse, “vamos ver se isso pelo menos dura 10 anos”, se referindo a própria OVAM. Ele falava assim porque tudo se fazia por política e ter um projeto dependente dessas determinadas condições, eu vejo, lhe cortava o coração. De meu lado, tirava as músicas em casa e tomava a OVAM como meu emprego, me orgulhava de ser um músico pago por meio de uma conta no banco, ter férias e horário de entrar e sair. Enquanto isso, outros músicos da mesma orquestra davam entrevistas, impulsionavam suas carreiras, nos reuníamos com outros corpos estáveis do Teatro Amazonas e participávamos dos eventos da agenda cultural da cidade.

A estreia na Ponta Negra sob meu prisma foi intensa. Cada corpo estável teria uma cor e a nossa seria azul. O palco do anfiteatro se iluminou de amarelo, verde, vermelho e azul, nossas blusas davam o tom na posição de cada grupo nos palcos criados para aquela noite em homenagem a cultura. Alguns egos sobressaíam, Rui Fernandes Jr. Em uma tentativa de aparecer para tantos quis subir com um chapéu estilo boto tucuxi das barrancas e o Maestro, na hora, por meio de um pito, lhe fez mudar e tirar o acessório, ali ninguém seria diferente ou melhor. Eu entendia aquilo, éramos novos em uma novidade comum.

A OVAM nos fez mudar por bem ou por mal. A primeira imposição foi a inscrição na Ordem dos Músicos do Brasil (OMB), a evidência deu margem aos famintos da ordem cobrarem recursos de todos. Nossos violões eram somente nossos violões, nada parecido com o que vemos hoje, instrumentos valiosíssimos, cordas importadas e sonoridades de cristal. Entramos na orquestra com o que Deus nos deu. Marcas como: Yamaha, Laser, Gianinni, entre outras faziam o *setup* mais sofisticado da cúpula do Teatro como nossos parceiros violões. As faltas nas apresentações ativavam a fúria do maestro, não havia desculpas suficientes para convencer nosso velho maestro, a OVAM era o mais importante.

Em 2000, os aparelhos de telefonia celulares se popularizavam e nós, bons músicos pudemos comprá-los em suaves prestações. O toque de um celular durante o ensaio e pior, em uma apresentação era motivo suficiente para o Maestro nos lembrar que no ano seguinte, iria ter novas audições para dar oportunidade a novos músicos menos desinteressados.



6. A COLHEITA: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ano a OVAM completa 21 anos de existência. Por ela passaram mais 2 regentes após a saída de Adelson, Marco Lopes com sua disciplina e erudição e Davi Nunes, mais popular e passivo. Ao longo dos anos tem participado de eventos que trazem nomes do violão internacional para a capital amazonense. Da formação original permanecem Wildes Fernandes e Neil Armstrong, a maioria dos integrantes foram saindo por motivos diversos. O nível do violão mundial é alto, o acesso por meio das redes a partituras e estudos dirigidos ao violão são amplos e isso reflete na qualidade técnica dos membros atuais.

Certa vez, Ruizinho me disse, “Renato um dia alguém vai escrever sobre a orquestra e nosso nome estará lá”, e ele estava certo. Agora estou eu Gabrielle Farias levantando informações que correspondem a história da música no Amazonas. Plantamos com o Adelson sementes em pedras, ninguém sabia onde as coisas iriam parar, porém não podiam ficar onde estavam sem apreciação. Se hoje a OVAM reage a um lugar de prestígio, antes, é preciso lembrar, fizemos o nosso melhor pelo violão de um estado inteiro. Por conta deste todo, ficam aqui tais palavras na forma de homenagear os colegas e amigos de outrora, dos momentos de iniciação da orquestra de violões do Teatro Amazonas como costumávamos dizer. Dos contratemplos que antecediam as apresentações aos momentos de descontração nas confraternizações do grupo, ficam resultados e provas que projetos acontecem e dependem de muitos para suceder. “Bem mais que 10 anos se passaram”, eu diria ao Maestro, com certeza faríamos tudo de novo.

7. REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. De “versão” a “narrativa” no Manual de história oral. *História Oral*, v. 15, n. 2, p. 159-166, 2012 Disponível em: <<https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/263/295>>
- ALVES, Julio Ribeiro. *The history of Guitar: It's Origins and Evolutions*. Marshal Digital Scholar, Marshall. University. Huntington . 2015. Disponível em: https://mds.marshall.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=https://www.google.com/&httpsredir=1&article=1018&context=music_faculty
- BENNETT, Roy. *Instrumentos da Orquestra*. 2. ed. Tradução: Luiz Carlos Cseko. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 1985.
- BUENO, Belmira Oliveira. **O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade**. *Educ. Pesqui.*, São Paulo , v. 28, n. 1, p. 11-30, June 2002 .
- SANTOS, Adelson. **Música, Profissão de risco: A dialética de uma visagem estética no reino da clorofila**. Manaus, Editora Travessia, 2012.